

*Definir o olhar com a linguagem do som, é mais fácil de afinar
Olar com escuta, é deixar a sonoridade saltitar,
Geografando com solfejar.
Conhecendo-se o som, muda-se o tom
Para maior ou menor, na métrica certa,
A música desperta, redefine o que é o olhar.*

Alessandro Dozena e Katia Agg (poema livre)

Há décadas a Geografia brasileira vem considerando os trabalhos realizados sobre as dimensões musicais e sonoras, em especial os escritos em francês e inglês, que foram publicados principalmente após a “virada cultural” na década de 1980, aparecendo com destaque no debate acadêmico internacional. No Brasil, esse debate intensificou-se nos últimos anos, alicerçado em questões que envolvem territórios musicais, percepções e representações espaciais dos sons e das músicas, paisagens sonoras, cenas e identidades territoriais musicais, a dimensão espacial dos sons e das músicas; além do uso das letras de músicas como ferramenta didática no ensino de Geografia.

Dando continuidade aos trabalhos precursores, a exemplo dos realizados pelo francês Gironcourt (1932), os geógrafos brasileiros têm posto suas pesquisas em movimento, inserindo os sons e as músicas no cerne das suas abordagens geográficas e ampliando as discussões com outras disciplinas e perspectivas de compreensão da realidade, a exemplo da Antropologia, Psicologia, Filosofia, Musicologia, História, Etnomusicologia, Sociologia e Pedagogia (CANOVA; RAIBAUD, 2017).

Na atualidade, a abordagem dos imaginários geográficos promovidos pelos sons e pelas músicas ganha destaque (LINDÓN; HIERNAUX, 2012), propondo territorialidades conformadas pela fluidez sonora e pelos processos musicais.

Outro fato interessante é a percepção, nas pesquisas geográficas, de que os sons e as músicas atuam como motivadores existenciais e estão intrinsecamente conectados aos processos de territorializações, enraizamentos identitários e migrações populacionais. Tais processos são acompanhados de ambiguidades na constituição das identidades espaciais e musicais (CROZAT, 2016).

Um dos principais efeitos da globalização foi a divulgação dos sons e estilos musicais de diferentes localidades, contribuindo com a configuração de territórios musicais híbridos. Há inclusive uma significativa tendência pelo revivalismo, com a predisposição e a intenção de reviver estilos musicais e músicas do passado, atualizando-as em um contexto cultural demarcado por características pós-modernas (BELL; JOHANSSON, 2009).

O fenômeno mundial das “músicas de massa” dialoga com o nosso tempo, interagindo com narrativas locais e globais, integrando gostos musicais desterritorializados e ao mesmo tempo territorializados por intermédio das identificações locais, que se conectam com as comemorações comunitárias e o apego individual e coletivo aos lugares. Assim sendo, os territórios musicais não são conservatórios musicais, mas reveladores de uma das faces mais evidentes da globalização: o contato cultural.

Nesse contexto, os sons e as músicas geram espacialidades, situadas entre a mobilidade e a fixidez, entre a fluidez e a ancoragem territorial. Nele, a utopia é criada pelas sensações sonoras promovidas em festas *raves*, festivais, apresentações musicais ou batucadas (DOZENA, 2017). Muitas interpretações geográficas dos fatos musicais procuram compreender a recomposição dos territórios musicais diante das narrativas atuais, e atualizar os discursos históricos presentes nas letras de músicas, replicando-os especialmente nas novas redes sociais e suas mídias digitais (DE NORA, 2005). Vale destacar que ao redor dos sons e das músicas se estruturam cosmovisões que agem como operatrizes das ações sociais.

Direta ou indiretamente, os autores deste Número Especial corroboram com essas discussões no plano nacional. A oportunidade proporcionada pela revista **Geograficidade** fortalece esse debate, tendo como consequência direta a amplificação dos horizontes teóricos e metodológicos sobre as dimensões geográficas dos fenômenos sonoros e musicais.

Vale lembrar que embora a Geografia ainda seja uma ciência primordialmente visual, no século XXI a escuta ativa passou a ter um papel essencial nas pesquisas geográficas (CANOVA; RAIBAUD, 2017). Os textos desse Número Especial evidenciam a importância dessa escuta ativa na interpretação geográfica dos territórios musicais e das paisagens sonoras em sua significação e sentido social, tangenciando temas relacionados a globalização e territórios musicais, ruídos e sons das e nas cidades, músicas e espaços públicos, eventos musicais urbanos e fenômenos sonoros, cidades musicais, percepções musicais individuais e coletivas, paisagens sonoras, oralidades e discursos musicais.

Os artigos que aqui apresento exibem as motivações dos autores na difícil tarefa de perseguir as suas questões centrais de pesquisa, fundamentando-as em ricas fontes bibliográficas e associando-as às reflexões geográficas originais,

demonstrando que além da racionalidade hegemônica existem outras racionalidades, configuradas em territórios musicais simbólicos e materiais. Cada capítulo é um convite para a reflexão sobre os mecanismos e táticas cotidianas valorizadoras das experiências do estar junto existentes no interior desses territórios.

O Número Especial acompanha um movimento etnogeográfico que vem se adensando nos últimos anos, voltando-se para a descrição e explicação dos significados espaciais de ocasiões festivas ou rituais coletivos, de paisagens patrimoniais e sonoras, e de experiências musicais contra-hegemônicas. Os territórios musicais e sonoros são capazes de estreitar as interações sociais e fortalecer os vínculos comunitários e as práticas de sociabilidade, revigorando os sentimentos de pertencimento a eles.

Os autores se inserem em um debate vigoroso, tanto no plano nacional quanto internacional, que tem reverberado na produção de livros e artigos acadêmicos, além de ter influenciado temáticas culturais nos encaminhamentos presentes em livros didáticos e paradidáticos. Esse interesse renovado pela pesquisa sobre as interfaces entre Geografia, sons e música no Brasil, reflete de certo modo a criatividade dos pesquisadores e o próprio potencial advindo do manancial inesgotável que é a música brasileira. Prova disso é que, a partir da divulgação da chamada de artigos para esse Número Especial, recebemos uma expressiva quantidade de propostas.

Vale lembrar que esse percurso temático não se iniciou agora, mas vem sendo construído nos últimos anos. O Número Especial dá sequência às reflexões trazidas pelo Grupo de Trabalho "Geografia, Música e Sons: Diálogos", na medida em que alguns autores estiveram conosco no Grupo de Trabalho realizado no Enanpege em Porto Alegre, no ano de 2017. Igualmente, amplia as discussões trazidas em 2016 pelo livro "Geografia e Música: Diálogos", aqui resenhado por Maria Geralda de Almeida, e do qual alguns autores que dele fizeram parte também estão aqui presentes.

No artigo que abre o Número Especial, Adriana Aparecida de **Andrade** e Leonel Brizolla **Monastirsky** nos apresentam a apropriação dos espaços públicos proporcionado pelo incentivo do poder público às atividades musicais e culturais na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Além da relevância enquanto atividades culturais e de lazer, os autores nos demonstram que tal incentivo constitui uma oportunidade de promoção da visibilidade aos músicos locais.

Em um artigo autoral, proponho uma reflexão acerca da expansão mundial da musicalidade brasileira e das representações atuais do Brasil no exterior enquanto um instrumento de valorização, promoção e procura turística. Entre as principais ideias, cito a influência da música brasileira nas práticas musicais e festivas mundiais, que têm gerado modelos alternativos de festas e de produção musical, evidenciados por práticas culturais reterritorializadas que são operadas por um jogo identitário, e são motivadas pela expansão duradoura e irreversível de uma diversidade

musical transnacional. Busco assim demonstrar a constituição de territórios musicais móveis, localizados em diferentes contextos espaciais, que de certo modo manifestam a desterritorialização atual da música brasileira.

Em "Espaço e Cultura: Implicações territoriais dos eventos musicais em Pernambuco", Cristiano Nunes **Alves** e Adriana Maria Bernardes da **Silva** abordam os eventos musicais em Pernambuco, preocupados em compreender a articulação entre agentes diversos e as ações criativas que acontecem nos lugares. Os autores demonstram que os eventos musicais de pequeno porte são marcados pelo alto grau de improviso e cooperação entre os seus participantes, e propõem uma tipologia para os eventos musicais recifenses, apresentando a sua topologia, seus agentes e fixos acionados. É preocupação central do artigo o uso do espaço público a partir de eventos musicais gratuitos na capital pernambucana.

Elisabete de Fátima Farias **Silva** enfoca os cortejos de Congado no interior de São Paulo e seus elementos musicais, como ritmo, circularidade e repetição, a partir do que a autora denomina de "universo batuqueiro". Ela nos propõe a circularidade dos cortejos de Congado, que se nutrem dos acontecimentos históricos retomando tempos, lugares e situações, não se restringindo a elas, mas se manifestando como uma (re) criação diaspórica. Os cortejos de Congado se revelam como fenômenos sonoros vinculados a um saber consagrado entre os que comungam um mundo de sentidos, que são reafirmados pela tradição, oralidade e coletividade.

Em "A cidade e a música", Gustavo da Silva **Diniz** e Auro Aparecido **Mendes** abordam a relação que se dá entre cidade, música e criatividade, destacando as dimensões territoriais nela presentes, exemplificadas com o caso do município de Tatuí no interior do estado de São Paulo. Os autores abordam o contexto histórico da construção do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí, destacando os vínculos entre o desenvolvimento do município e as atividades criativas e musicais. Demonstram assim que a relação entre a cidade e o fazer musical está associada a criação de espaços de encontros, associações, grupos e equipamentos comunitários urbanos, que funcionaram historicamente como impulsionadores de movimentos artísticos, envolvendo um vigoroso movimento de bandas, além de espaços voltados ao cinema, teatro e literatura.

Jaime Andrés **Núñez** Jiménez analisa três eventos de música tradicional (samba e choro) no bairro da Glória no Rio de Janeiro, com a preocupação de compreender a percepção dos frequentadores em três espaços públicos: Rua Benjamin Constant, Avenida Augusto Severo e Praça Luís de Camões. Para isso, o autor realizou uma pesquisa descritiva com fins comparativos, apoiada em um questionário composto por 15 questões fechadas, estudando a percepção do público em relação a parâmetros como satisfação, segurança, limpeza e convivência social. Pela análise desses parâmetros, o autor constatou que a ocorrência dos eventos de música tradicional melhora a percepção de satisfação e segurança dos participantes.

As paisagens sonoras da festa junina de Campina Grande na Paraíba são examinadas por Jordania Alyne Santos **Marques**, que foca especificamente os estilos musicais que se manifestam na festa. A autora expõe que com a construção do Parque do Povo em 1986, passaram a ocorrer transformações na dinâmica festiva da cidade, e os festejos de bairros foram silenciados e não mais incentivados pelo poder público municipal. As paisagens sonoras do Parque do Povo são esquadrihadas por Jordania, atenta aos sons produzidos e captados em suas idas a campo e entrevistas realizadas com festeiros.

Lawrence Mayer **Malanski** identifica as sonoridades do calçadão de Londrina no Paraná, a partir de ações de demarcação territorial associadas a conflitos e disputas. Para isso se utiliza dos métodos de caminhadas sonoras, ouvindo com atenção os sons e realizando entrevistas semiestruturadas. Demonstra que é patente a alternância de usos do calçadão e das edificações próximas a ele, sendo que algumas apropriações têm um caráter cíclico e outras intermitente, e são organizadas exibindo dinâmicas próprias para cada evento específico.

Marcos Alberto **Torres** evidencia que a paisagem expressa sons que são fundamentais para a compreensão da identidade dos lugares e das pessoas que neles vivem, dialogando com as ideias de Raymond Murray Schafer (1977) e abrindo a concepção da paisagem como algo multissensorial e holista em termos de apreensão cognitiva. O autor adentra no universo da música, situando-a como integrante da paisagem, que por sua vez se alimenta dos sons dos lugares para se re-fazer dentro de contextos próprios, relacionados à cultura e à geração de identidades em cada lugar e contexto espaço-temporal específico.

Michel Philippe **Moreaux** nos oferece uma reflexão teórica a partir das intervenções dos artistas de rua no Rio de Janeiro, em micro-eventos sonoros. O autor clama pela escuta ampliada dos sons, motivada por experiências sonoras nas cidades e por novas possibilidades de usos e apropriações territoriais. Utiliza a ritmanálise para repensar a cidade a partir das práticas de artes de rua, investigando a dimensão temporal do som, com o intuito de contribuir com os vários modos de compreensão e apreensão do som pela Geografia.

Rodrigo Batista **Lobato**, Jean Lucas Da Silva **Brum** e Paulo Márcio Leal de **Menezes** analisam letras musicais do *funk* carioca nas décadas de 1990 e 2000, encontrando nelas referências para uma toponímia não oficial. Como recurso metodológico, os autores buscam os nomes dos cantores de maior expressão no recorte temporal em estudo (22 no total), analisando as letras de músicas desses cantores em *sites* oficiais.

Rosemberg Aparecido Lopes **Ferracini** apresenta as escalas musicais patentes na capoeira Angola, bem como os seus ritos de resistência em palavras cantadas e instrumentos de matriz africana, articulados com estratégias pedagógicas de valorização da diversidade e superação da desigualdade étnico-racial. Demonstra que a prática educativa oral na

Capoeira Angola está associada a diferentes escalas narrativas musicais, religiosidades, ancestralidades e corporeidades, trazendo um questionamento a respeito do olhar sobre a negritude no âmago da sociedade brasileira.

Yasmin Estrela **Sampaio** e Edgar Monteiro **Chagas Junior** relacionam o fazer musical com a construção do espaço sagrado em um terreiro de Candomblé em Belém do Pará, demonstrando que as músicas são centrais na manifestação do sagrado sendo, portanto, uma das hierofanias que simbolizam a presença dos orixás nos terreiros. Junto com os cantos, danças e performances corporais dos filhos de santo, os autores demonstram que a música pode ser considerada um dos elementos que colaboram com a (re) elaboração da cosmogonia africana.

Sugiro também a leitura da resenha do livro "Paisagem sonora do boi mamão paranaense: uma geografia emocional", elaborada por Rafael Henrique Teixeira da **Silva** e Camila **Benatti**, a resenha do livro "Geografia e Música: Diálogos", composta por Maria Geralda de **Almeida**, e a seção "Experimentações" elaborada por Beatriz Helena **Furlanetto**.

A partir da leitura dos artigos do Número Especial, comprova-se que vale o esforço de interpretar os discursos e códigos espaciais de nosso tempo, a partir de reflexões geográficas empregadas em perspectivas múltiplas. O Número Especial evidencia a necessidade da diversidade temática, metodológica e conceitual como um fundamento ao diálogo necessário para a compreensão da complexidade do mundo contemporâneo e dos novos processos que a acompanham.

Agradeço a todos os que contribuíram para a produção deste Número Especial, aos autores e pareceristas que trabalharam para que ele pudesse ser publicado, em particular deixo o meu muito obrigado a Eduardo Marandola Jr., por se fazer presente em todas as fases do processo de edição, e pela oportunidade dessa publicação.

Essa breve apresentação busca, tão somente, incitá-los à leitura dos artigos. Considero que os temas aqui abordados, com sua porosidade que transita entre o popular e o acadêmico, é de vital importância e, por isso, só me resta saudar a sua publicação. Deixo, então, os meus parabéns aos autores e um viva a **geomúsica** de todos os tempos e espaços musicais. 

Natal, Outubro de 2018.

Alessandro Dozena
Editor Convidado

REFERÊNCIAS

BELL, Thomas L; JOHANSSON, Ola. **Sound, society and the geography of popular music**. Ashgate; Har/Dig edition, 2009.

CANOVA, Nicolas; RAIBAUD, Yves. Les figures d'attachement dans la géomusique. **L'Information géographique**. v. 81, n.1, 2017, p. 8-19.

CROZAT, Dominique. Jeux et Ambigüités de la Construction Musicale des Identités Spatiales. In: DOZENA, Alessandro. (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: Edufrn, 2016, p. 49-83.

DENORA, Tia. Music and Social Experience. In: JACOBS, M. D.; WEISS, H. N. **The Blackwell companion to the sociology of culture**. Oxford: Blackwell Publishing, p. 147-162, 2005.

DOZENA, Alessandro. L'imaginaire utopique brésilien dans les pratiques festives européennes. **Confins – Revue franco-brésilienne de géographie**, n.33, 2017.

GIRONCOURT, Georges de. **Une science nouvelle: la géographie musicale**. Université de Nancy, 1932.

LINDÓN, Alícia; HIERNAUX, Daniel. **Geografías de lo imaginario**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012, 251p.

SCHAFER, Raymond M. **A afinação do mundo**. São Paulo: EdUNESP, 1977.